

## **Da cristandade à civilização do amor**

From Christianity to the civilization of love

Antônio Lopes Ribeiro<sup>1</sup>

### **Resumo**

Vivemos em uma cultura profundamente individualista, hedonista e narcisista, que gera situações de injustiça e violência. Para fazer frente a essa cultura desumanizante, fala-se, hoje, em uma civilização do amor. Pergunta-se: que contribuição o cristianismo pode dar para essa civilização? No que lhe confere um caráter identitário, o cristianismo nasce fundado na prática do amor-alteridade e amor-altruísta, qualidades estas referidas a Jesus, que não só em tudo considerou o outro, mas foi capaz de morrer pelo outro. Porém, em sua trajetória pelos séculos, o cristianismo perde esse caráter original, tornando-se uma religião que, em grande parte de sua história, se afirma em termos absolutos e excludentes, sob o ideal da cristandade, chegando a nós, hoje, bem distinto daquela religião que ganha impulso em Pentecostes. Para se falar em civilização do amor, é preciso desconstruir toda uma mentalidade exclusivista, fechada ao diálogo, e retornar à ternura do cristianismo dos primeiros tempos, ao primeiro anúncio, apresentando não um Cristo multifacetado, dividido, mas expressão máxima do amor divino pela humanidade. É disso que trata este artigo, uma tomada de consciência de nosso passado histórico, para revermos a posição do cristianismo frente ao mundo de hoje, de forma a dar sua contribuição para a construção de uma civilização do amor, a única capaz de conferir sentido à vida das pessoas, que se encontram mergulhadas no mais profundo vazio existencial.

**Palavras-chave:** Cristandade. Civilização do amor. Alteridade. Altruísmo

### **Abstract:**

We live in a deeply individualistic, hedonistic, and narcissistic culture, which causes situations of injustice and violence. In order to face this dehumanizing culture, there is talk today of a civilization of love. The question is: what contribution can Christianity make to this civilization? Regarding its identity, Christianity was born based on the practice of love, otherness, and altruism, qualities that refer to Jesus, who not only always took the other under consideration, but was able to die for the other. However, in its trajectory through the centuries, Christianity lost this original character, becoming a religion that, in most of its history, affirmed itself in absolute and excluding terms, under the ideal of Christendom, reaching us, today, very different from that religion which gained momentum at Pentecost. To speak of the civilization of love, it is necessary to deconstruct an entire exclusivist mentality, closed to dialogue, and

---

<sup>1</sup> Doutor e mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás). Pós-doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Professor do Programa de Graduação em Teologia do ISB – Instituto São Boaventura.

E-MAIL: [lopesribeiro@gmail.com](mailto:lopesribeiro@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2744-589X>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/2737644754925373>

return to the tenderness of early Christianity, to the first proclamation, presenting not a multifaceted, divided Christ, but the maximum expression of divine love for humanity. This is what this article is about, recalling our historical past, to review the position of Christianity in face of today's world, in order to make its contribution to the construction of a civilization of love, the only one capable of giving meaning to the people's lives, who are plunged into the deepest existential void.

**Keywords:** Christendom. The civilization of love. Otherness. Altruism.

## 1 Introdução

Vivemos em uma cultura que se define como sendo profundamente individualista, hedonista e narcisista, o que gera situações de anomia, devido a um crescendo de todo tipo de injustiça e violência, tornando-se urgente uma ação eficaz por parte das religiões, as únicas com capacidade de transformar mentes e corações, concorrendo para um mundo melhor. Da parte do cristianismo de vertente católica, os últimos papas vem se referindo a uma civilização do amor, para fazer frente a essa cultura desumanizante, que resulta em um profundo vazio existencial, arrastando tantas pessoas ao vício, à prostituição, à depressão e até mesmo à morte. Pergunta-se: que contribuição o cristianismo pode dar para a construção dessa civilização do amor?

Em sua trajetória histórica, o cristianismo passou por transformações importantes, desde seu nascedouro como um apêndice do judaísmo, até transformar-se em uma grande religião, imprimindo sua marca na cultura Ocidental, dela aculturando elementos importantes em sua forma de organizar-se, estruturar-se e de apresentar-se ao mundo, de tal modo que se torna impossível falar em cultura Ocidental sem considerar o cristianismo, e assim, vice-versa. Se tivesse permanecido apenas como uma pequena seita do judaísmo, o cristianismo não se desenvolveria e provavelmente teria desaparecido. Mas, graças ao espírito inculturador de Paulo de Tarso, expandiu-se para além do judaísmo, tornando-se uma das cinco religiões universais. Com uma visão de mundo inclusivista, aberto ao diálogo, o apóstolo dos gentios soube inculturar a fé cristã, para além da Palestina, alcançando diversos países mediterrâneos, até chegar a Roma, o coração do Império Romano, onde tornou-se mártir, em nome da fé cristã. Conforme relato de Atos dos Apóstolos, se a Pedro (que junto a Paulo são considerados as duas colunas da Igreja) coube

evangelizar Jerusalém e Samaria, Paulo teve por missão levar o evangelho a todos os povos e nações.

No que lhe confere um caráter identitário importante, o cristianismo nasce fundado na prática da alteridade e do altruísmo, qualidades estas referidas a Jesus, que em seu profundo amor pela humanidade, não só considerou o outro, mas foi capaz de morrer pelo outro. No que se tornou um legado importante para a construção de uma civilização do amor,

essas qualidades foram incorporadas por seus discípulos, e por tantos santos, no decorrer da história. Porém, em sua trajetória pelos séculos, o cristianismo perde esse caráter original, tornando-se uma religião que em grande parte de sua história se afirma em termos absolutos e excludentes. O cristianismo que chega a nós, hoje, é bem diferente daquela religião que ganha impulso em Pentecostes. Ao distanciar-se de suas raízes, torna-se um contratestemunho ao mundo, perdendo credibilidade como religião do anúncio do Evangelho, por seu passado de exclusões, perseguições e morte, em que não só negou culturas e religiões, como também negou o direito de viver, aos diferentes.

Portanto, para se falar em civilização do amor, é preciso desconstruir toda uma mentalidade exclusivista, fechada ao diálogo, e retornar à ternura dos primeiros tempos, ao primeiro anúncio, e apresentar não um Cristo multifacetado, dividido, mas como expressão máxima do amor divino, Cabeça de muitos membros, que junto a ele se mantém unidos, apesar da diversidade. É disso que trata este artigo, uma tomada de consciência de nosso passado histórico, como cristãos, para revermos a posição do cristianismo frente ao mundo, de forma a dar sua contribuição para a construção de uma civilização do amor, a única capaz de fazer frente às propostas desumanizantes da cultura de nosso tempo, e conferir sentido à vida das pessoas, que se enfontram mergulhadas no mais profundo vazio existencial.

## **2 O CRISTIANISMO NASCE COMO CIVILIZAÇÃO DO AMOR**

O cristianismo tem por base de toda a sua pregação, a sintética declaração de João, em sua primeira Carta: “Deus é amor” (1Jo 4,8.16). Os desdobramentos dessa afirmação constitui todo o depósito da fé. De tão grandioso que é, esse amor

não se contém em si mesmo e se transborda para fora do seio da Trindade, resultando na criação do mundo e da espécie humana. É com esse imensurável amor, que apesar do pecado, Deus amará o homem até as últimas consequências, enviando seu Filho unigênito ao mundo, para libertar a humanidade do pecado e da morte, dando a todos a vida eterna, gratuitamente, sem qualquer mérito por parte do homem. Jesus, que revela a face amorosa e misericordiosa do Pai, terá pela frente uma missão árdua de implantar em um mundo hostil à vontade divina, o Reino de Deus, um Reino de amor, de justiça e de paz, razão de sua pregação e também de sua morte, porque esses valores se mostraram refratários à sociedade judaica da época.

Em seu esforço para tornar realidade o Reino de Deus, Jesus entrou em rota de colisão com a liderança religiosa judaica, justamente por ambicionar uma sociedade livre da opressão, exploração e exclusão social, por ela imposta. Longe de se tornar um anarquista, Jesus sentiu-se livre para conferir à Lei judaica um sentido novo, captando toda sua essência, sintetizando-a no duplo mandamento do amor, devido a Deus e ao próximo. Temos, no Sermão da Montanha, em Mateus, ou no Sermão da Planície, em Lucas, profundos ensinamentos voltados à prática desse amor, na forma do exercício da caridade, do perdão, da justiça, da solidariedade e da paz, responsáveis por revolucionar as relações interpessoais daquele tempo, ecoando-se em todas as épocas, sobretudo na máxima que constitui a ética da reciprocidade, a regra de ouro do cristianismo: “tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós a eles” (Mt 7,12).

No que resultou em sua crucificação e morte, sem pegar em armas, ao contrário do que dele esperavam aqueles que depositaram suas expectativas na vinda de um Messias nacionalista, guerreiro e triunfante, Jesus venceu todas as barreiras étnicas, sociais, políticas e religiosas de seu tempo, lançando-se ao diálogo com os excluídos da sociedade, judeus e não judeus. Em tudo considerou e valorizou a pessoa do outro, respeitando sua alteridade e, num ato de mais profundo altruísmo, jamais visto em outro ser humano em toda a história, no que confere uma singularidade ao cristianismo, tornou-se o bode expiatório, em termos girardianos, substituindo-nos em sacrifício, assumindo toda a nossa culpa, dando sua vida para salvar a humanidade.

Na religião que se formou, a partir de Jesus, o Cristo ressuscitado, os cristãos, assim chamados por incorporarem como ideal de vida, aquele vivido e

pregado por Jesus, viviam na observância do mandamento do amor a Deus e ao próximo, em comunhão fraterna, na solidariedade e da partilha de bens. Se o cristianismo se tornou uma grande religião, isto se deve ao testemunho de amor dado pelos seguidores de Jesus, que se empenharam em divulgar seus feitos, seus ensinamentos, sobretudo pelo mundo pagão, pela via do diálogo, como fez o apóstolo Paulo, que em seu hino da caridade, expressa bem o ideal de vida cristã. Como diz o papa João Paulo II (1994), em sua Carta às Famílias, nenhum outro texto bíblico exprime, de modo mais simples e profundo, a verdade plena acerca do amor cristão, como esse hino à caridade, por ele considerado a “magna carta da civilização do amor”.

Em sua carta aos Romanos (Rm 5,5), Paulo diz que esse amor com que Jesus nos amou foi “derramado em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi concedido” (Rm 5,5). Portanto, mais do que ensinar com a própria vida o que é o amor, Jesus enviou o Espírito Santo sobre seus discípulos, em Pentecostes, derramando em seus corações a seiva do próprio amor divino. Como diz Dadeus Grings (1994, p. 26), a partir do acontecimento de Pentecostes, “o amor cristão brota do próprio coração humano, elevado à ordem divina”. Assim entendido, pode-se afirmar que “a civilização que se deverá construir, a partir de Cristo, que receberá o nome de ‘civilização cristã’, é a civilização do Espírito Santo, ou, o que é a mesma coisa, a civilização do Amor”, defendida pelos últimos papas de nosso tempo.

Assim como os ramos da videira só dão frutos estando ligados a ela (Jo 15,1-2), de igual modo acontece com aqueles que construirão o Reino de Deus. Ligados a Cristo, sob a ação do Espírito Santo, alimentam-se de sua seiva vital, que é o amor, o qual em Cristo se dá sob duas modalidades interconexas: amor alteridade, porque em tudo considera a pessoa do outro, e o amor altruísta, de ser capaz de morrer pelo outro, assim como fez Jesus.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Com efeito, Jesus jamais viveu para si, sempre em função do outro; e amor altruísta (a antítese do egoísmo), vez que Jesus não só considerou o outro no exercício de sua missão, mas foi capaz de morrer por esse outro (por todos nós), como o fez na cruz. Daí a síntese de João: Deus é amor, a partir da qual se parte a construção da civilização do amor, pois o amor com que Cristo nos amou, é reflexo do amor do Pai pela humanidade.

### 3. A CRISTANDADE COLONIAL: PROPOSTA DE UMA CIVILIZAÇÃO CRISTÃ

O cristianismo perderia o status de uma religião fundada no amor alteridade e altruísta de Jesus, ao tornar-se religião oficial do Império Romano, transformando-se em um instrumento de unidade política e não uma via para a salvação, inaugurando o que historicamente tornou-se conhecido como “cristandade”. Longe de corresponder à vocação cristã, de ir a todos os povos para evangelizar, lançando as sementes para se construir o Reino de Deus, a ideia da cristandade cristaliza-se como uma construção cultural da época medieval, que tinha por ideal a edificação de uma única civilização cristã, com uma só fé, um só Senhor, um só batismo, uma só religião, tendo como símbolo dessa união, a cruz (poder divino) e a espada (poder terreno). Portanto, um ideal unicionista, que se tornaria excludente de outras vias de salvação, ao considerar o cristianismo como única e verdadeira religião.

Como processo, a cristandade tem sua origem na suposta conversão de Constantino, inaugurando esse novo tempo na história do cristianismo, o qual Geffré (2013, p. 320) designa como “o César-papismo”, um sistema político-religioso constituído por “um único Deus, um imperador, um império que coincide com as fronteiras da Igreja”. Paradoxalmente, o mesmo poder que até então havia perseguido o cristianismo, o eleva a religião de Estado, colocando-se a serviço dos ideais cristãos. Por seu lado, a Igreja passa a ser concebida como uma “*societas perfecta*”, constituindo o modelo referencial para toda a sociedade humana, fazendo com que todos os aspectos da vida estivessem subordinados a um fim religioso.

No que foi determinante para a ideologia das colonizações, com repercussões drásticas para os povos com os quais entrou em contato, a superioridade da cultura ocidental, que se afirma em um monoteísmo político, está intimamente ligada à superioridade do cristianismo, no qual tem seu núcleo central, que a legitima, sacraliza e confere a unidade da qual necessita, pelo poder de um Deus universal a conduzir a realidade humana, responsável pela civilização, nos moldes delineados por Agostinho, em “A cidade de Deus”, tendo por consequência, a identificação da civilização e progresso ético com a fé cristã. A cidade de Deus acabou tornando-se “um texto oficial no mundo em expansão da cristandade, contribuindo na

construção de mentalidades e na formação de um ethos cultural exclusivista e expansionista da civilização cristã ocidental” (CABRAL, 2009).<sup>3</sup>

É natural que, uma vez desenvolvido junto à cultura Ocidental, esta esteja impregnada do cristianismo, e assim se possa falar em civilização cristã. Mas, não se pode confundir essa civilização dita “cristã”, que é típica de uma cultura, com o próprio cristianismo, uma religião universal, que transcende a própria cultura.<sup>4</sup> O que se vê historicamente é uma inversão da vocação original do cristianismo, aberto à alteridade e ao altruísmo, que se tornou eclesiocêntrico e exclusivista, ao ser confundido com a Igreja católica, que se empoderou ao se tornar religião oficial do Império Romano.

Ao lamentar a separação entre Igreja e Estado, típica dos países democráticos, na Encíclica *Immortale Dei* (ID), na segunda metade do século XIX, o papa Leão XIII deixa claro como foi essa Civilização Cristã. Foram tempos, segundo o papa, em que os Estados eram governados pela filosofia do Evangelho, formando uma mescla entre religião e a sociedade civil, de tal modo que “a influência da sabedoria cristã e a sua virtude divina penetravam as leis, as instituições, os costumes dos povos, todas as categorias e todas as relações da sociedade civil” (ID n. 29). A religião sacralizava a realidade social, com a anuência do Estado, contando com o apoio dos príncipes, sob a legítima proteção dos magistrados. Foi por meio dessa simbiose entre Igreja e Estado, que como afirma o papa Leão XIII, “a Europa cristã domou as nações bárbaras e as fez passar da ferocidade para a mansidão, da superstição para a verdade; se

---

<sup>3</sup> Assim revestido de autoridade e poder, longe de corresponder ao Deus amoroso, compassivo e misericordioso, revelado por Jesus, a civilização cristã ocidental edificou-se “a partir da presença de um Deus universal, exclusivista e expansionista da tradição” (CABRAL, 2009).

<sup>4</sup> Ao falarmos sobre a cristandade, é preciso, antes de tudo, esclarecer que embora possa se referir ao cristianismo como cristandade, não se dá para afirmar o contrário, pois isto significaria reduzir o cristianismo a uma determinada cultura, vez que a cristandade é fruto de um constructo socio-histórico-cultural, enquanto o cristianismo, teologicamente, é uma religião revelada, com uma proposta de salvação universal, e embora tenha se desenvolvido na cultura do Ocidente, devido a esse caráter, a transcende. Por outro lado, há de se considerar que até o século XVI, a cristandade se confundia com a Igreja católica. A partir da segunda grande divisão ocorrida no cristianismo, com Martinho Lutero, em princípios daquele século, passamos a ter um cristianismo de vertente católica e outro, de vertente protestante, o que leva, necessariamente, à distinção entre uma cristandade católica e uma cristandade protestante. Ao nos referirmos neste artigo, à cristandade, o faremos desde a perspectiva do catolicismo romano, que sob esse ideal passa a fazer frente ao protestantismo, a quem combate pela prática de heresia e infidelidade; e às religiões não cristãs, pela prática do paganismo.

repeliu vitoriosamente as invasões muçulmanas, se guardou a supremacia da civilização” (ID n. 29).

Foi assim que essa civilização cristã se cristalizou na forma da Cristandade Medieval, fazendo com que o encontro do cristianismo com as religiões não cristãs tenha sido não pela via do diálogo, em vista à construção do Reino de Deus, mas de forma traumática, na base de um confronto, negando-se as alteridades, impondo-se o cristianismo europeu como única e verdadeira religião, num processo de deculturação de grande parte das culturas com as quais entrou em contato.<sup>5</sup> Assim, ao invés de promover o encontro entre a fé cristã e a cultura, instaurando a rica realidade do Reino de Deus, que corresponde à instauração de uma civilização do amor, a cristandade ocidental colocou-se ao lado do poder colonizador, o qual serviu e legitimou.

Após, tantos séculos proclamando ao mundo o famigerado e dinossáurico axioma *extra ecclesiam nulla salus*, a Igreja se abre, finalmente, ao mundo moderno. Num desembarque iniciado na Contrarreforma, conforme Miranda (2005, p. 136), o catolicismo viria a descarregar oficialmente sua bagagem histórica da época da Cristandade, no Vaticano II. Esse concílio foi responsável por consagrar o fim da cristandade, definindo uma nova relação da Igreja com a sociedade, como se expressa em seus documentos conciliares. De um lado, conforme postula Claude Geffré (2013, p. 322), a Igreja passa a não se definir mais “como *societas perfecta*, mas como um Povo em marcha para o Reino. Insiste-se menos sobre a dimensão jurídica e societária da Igreja e mais sobre sua dimensão sacramental e peregrinante”. Por outro lado, a Igreja passa a reconhecer “a autonomia da sociedade e a independência do poder político em relação com o poder religioso. Renuncia-se ao ideal de uma cidade cristã e, pela primeira vez, se aceita a ideia de uma sociedade civil como sociedade *laica, democrática e pluralista*”.

## 4 POR UMA CIVILIZAÇÃO DO AMOR

O amor, como o mais nobre dos sentimentos humanos, o qual dará base para

---

<sup>5</sup> Isto devido a uma “concepção da cultura europeia como a única de valor, e das culturas nativas como inferiores ou insignificantes”, a qual é devida à evolução do cristianismo como religião e “como uma matriz para a formação da civilização ocidental” (BINGEMER, 2017, p. 24).

uma civilização do amor, não se reduz à sua modalidade sentimental-romântica, como costumeiramente é referido, mas, se define em uma dimensão social, ao empenho em querer o bem do outro, por decisão livre da vontade. Jesus sintetizou todos os mandamentos, nesse tipo de amor, o qual se reveste de um caráter universal, apresentando-se como um antídoto ao egoísmo, um amor desinteressado, que tem por base a alteridade e o altruísmo, enquanto essencialmente “o dom do próprio ser para promover o maior bem do outro”, o qual se realiza plenamente na reciprocidade, como dom total de si mesmo (ÁVILA, 1993, p. 23).

Em um mundo globalizado, em que a violência vem à tona de diversas formas, a proposta de Jesus da instauração do Reino de Deus, equivale à construção de uma civilização do amor, de forma a vencer o ódio doentio e destruidor, que corrói nossa sociedade. Como disse o papa João Paulo II (1994b), “à crise de civilização, há que responder com a civilização do amor, fundada sobre os valores universais de paz, solidariedade, justiça e liberdade, que encontram em Cristo a sua plena atuação” (JOÃO PAULO II, 1994b). Nesse sentido, o amor é assumido em sua dimensão social, não se esgotando no amor ao próximo, mas estendendo-se “a todos os membros das comunidades nas quais estamos inseridos”, e em uma dimensão maior, global, estendendo-se a toda a humanidade (ÁVILA, 1993, p. 24). Por conseguinte, quando falamos em civilização do amor, enquanto um projeto a ser implantado por todos os homens de boa vontade, empenhados na luta em prol do bem comum e da transformação da sociedade, “não se trata apenas do amor mútuo entre os sujeitos, mas do amor universal de todos os povos em relação a todos os povos como uma forma de intersubjetividade intercultural, na forma ética do reconhecimento universal” (WOHLFART, 2021, p. 54).

Em sua primeira encíclica social, “Caritas in veritate”, o papa Bento XVI (2009) fala sobre o compromisso da Igreja, na construção dessa civilização do amor, e de seu caráter universal: “a caridade e a verdade colocam diante de nós um compromisso inédito e criativo, sem dúvida muito vasto e complexo”, o qual exige de todos que se dilate a razão, tornando-a “capaz de conhecer e orientar estas novas e imponentes dinâmicas, animando-as na perspectiva daquela ‘civilização do amor’, cuja semente Deus colocou em todo o povo e cultura”. Para a Igreja, a “civilização do amor” consiste na convivência fraterna e solidária, de tal modo que todos os seres humanos

vivam dignamente. A ela deve concorrer todos os esforços, seja no campo social, cultural, econômico e político. Como antecipação do Reino de Deus neste mundo, enquanto realização plena da caridade cristã, a “civilização do amor” se constitui tarefa histórica de todo o povo de Deus (CARVALHO, 2019)

Encontramos acenos a essa civilização, no Concílio Vaticano II, ao entender a missão da Igreja no mundo de hoje, como serviço de humanização (cf. GS, 40). Centrado em Cristo, e não na Igreja, aquele Concílio se deu em chave dialógica em três direções: Dentro do cristianismo, por meio do diálogo ecumênico, reconhecendo haver sinais de eclesialidade no universo protestante; e fora do cristianismo, em duas frentes: com as religiões não cristãs, através do diálogo interreligioso, reconhecendo nelas a presença das sementes do Verbo; e com os agnósticos, ateus e instituições sociais, por meio do diálogo com a cultura. Esse despertar da Igreja ao diálogo abriu uma nova perspectiva em sua missão de anunciar o Evangelho ao mundo, propondo uma nova evangelização, a se dar de forma inculturada, reportando-se ao primeiro anúncio, por conseguinte, uma evangelização cristocêntrica, e não mais eclesiocêntrica. O Concílio Vaticano II lançou as bases para que a Igreja possa se reconfigurar novamente ao cristianismo dos primeiros tempos, frente a um mundo secular, que não aceita mais discursos absolutistas e excludentes, e assim apresentar ao mundo a proposta do Reino de Deus, que como vimos defendendo, nada mais é do que a construção de uma civilização do amor.

Sintonizado aos sinais dos tempos, o Papa Paulo VI (1970) ressalta a importância de Pentecostes para os dias de hoje, um acontecimento que na sua opinião interessa ao mundo profano, pois é fonte de “uma nova sociologia, penetrada pelos valores do espírito, que determina a hierarquia de valores e se polariza nos verdadeiros e mais elevados destinos do homem”. Tal sociologia, na opinião do papa, “tem o sentido da dignidade da pessoa humana e da moral social, e [...] tende, decididamente, a superar as divisões e os conflitos entre os homens, e a fazer da humanidade uma única família de filhos de Deus, livres e irmãos”. Com base nessas afirmações, o papa estabelece como símbolo e ponto de partida para uma civilização do amor, “o milagre da diversidade das línguas”, ocorrido em Pentecostes, tornadas

compreensíveis a todos, pelo Espírito Santo.<sup>6</sup> O papa Paulo VI retoma esse tema da civilização do amor, em 1975, ao finalizar o Ano Santo, em sua homilia da noite de Natal. Naquela ocasião, conclama a humanidade para construir a “civilização do amor”, a qual “se inspira na palavra, na vida e na plena doação de Cristo e se baseia na justiça, na verdade e na liberdade” (PUEBLA n. 8).<sup>7</sup>

Esse tema “civilização do amor” seria retomado por diversas vezes, pelo papa João Paulo II. Na Carta às Famílias, em 1994, ao falar sobre essa civilização, afirma que “a família é o centro e o coração da civilização do amor”. Como santuário de vida, a família é o nascedouro dos cidadãos de amanhã, os quais são socializados em seu seio, tendo por base o amor cristão, que se traduz em valores como igualdade, solidariedade e fraternidade, tão necessários às relações interpessoais, hoje. É da família, em estreita cooperação com a criação, que nasce aquele homem considerado pelo papa a “única criatura na terra, chamada por Deus à existência ‘por si mesma’” (JOÃO PAULO II, 1994). Esse homem, criado à imagem e semelhança de Deus, “não pode ‘encontrar-se’ plenamente senão pelo dom sincero de si” (para os outros) numa vida de “comunhão de pessoas”, no seio da família. Sem esse conceito de pessoa e de comunhão de pessoas, é impossível a existência de uma civilização do amor. Disso resulta que “tudo o que seja contrário à civilização do amor, é contrário à verdade integral do homem e torna-se para ele uma ameaça” (JOÃO PAULO II, 1994).

Muito tem contribuído para a civilização do amor, o papa Francisco, que tem por marca de seu pontificado uma Igreja em Saída, como se vê em seu documento-referência, *Evangelii Gaudium*, que se materializa em diversos projetos, mudando a postura da Igreja católica frente ao mundo, no que se refere à ética e à moral, tornando-a mais inclusivista, fomentando uma cultura do encontro com o diferente. Seus projetos dão uma contribuição importante para a construção de uma civilização

---

<sup>6</sup> Em discurso proferido a uma delegação da RCC, no dia 14 de março de 2002, o Papa João Paulo II exalta a “cultura do Pentecostes”, por ele considerada “a única que pode fecundar a civilização do amor e da convivência entre os povos”.

<sup>7</sup> Na *Centesimus Annus* (CA n. 10), ao lançar o princípio da solidariedade “como um dos princípios basilares da concepção cristã da organização social e política”, o papa João Paulo II fala sobre seus correlatos, na atuação dos papas que lhe antecederam: “Várias vezes Leão XIII o enuncia, com o nome «amizade», que encontrámos já na filosofia grega; desde Pio XI é designado pela expressão mais significativa «caridade social», enquanto Paulo VI, ampliando o conceito na linha das múltiplas dimensões atuais da questão social, falava de «civilização do amor»

do amor, como se vê na Laudado Si, em Amoris Laetitia, em seu Pacto Educativo Global, e mais recentemente, em sua proposta da sinodalidade, um convite a sair de seu clericalismo, para abarcar o mundo, pelos braços da Igreja, que são os leigos.

Conforme nos ensina o Papa Francisco (2021), vez “que somos seres sociais e políticos, uma das mais altas expressões do amor é precisamente o amor social e político<sup>8</sup>, que é decisivo para o desenvolvimento humano e para enfrentar qualquer tipo de crise”. É certo que o amor fecunda famílias e amizades. Contudo, diz o papa, “é bom lembrar que também fecunda relações sociais, culturais, econômicas e políticas, permitindo-nos construir uma ‘civilização do amor’”, para fazer frente à “cultura do egoísmo, da indiferença, do descarte”, o que equivale dizer “descartar aquilo de que eu não gosto, o que eu não posso amar ou aqueles que na minha opinião são inúteis na sociedade”. Para o papa, “o verdadeiro amor não conhece a cultura do descarte”. Recordando o papa Paulo VI, e também o papa João Paulo II, o papa Francisco defende a construção de uma civilização do amor, a qual é “política, social, da unidade de toda a humanidade”, em oposição às guerras, divisões, invejas, e até guerras em família. “O amor incluso é social, é familiar, é político: o amor permeia tudo!” (FRANCISCO, 2021).

Temos na DSI, de forma mais bem acabada e sistematizada, a proposta para a construção de uma civilização do amor, a se dar sobretudo a partir dos leigos, a forma privilegiada de presença e ação da Igreja no mundo, seu braço a alcançar a sociedade. Conforme pontua Josaphat (2006), é por meio deles “que a Igreja se faz presente e ativa na ação social retificadora dos sistemas que aí estão e contribui para a construção de uma nova civilização do amor”. Serão eles, em sua forma autêntica de viver e conviver, a inscrever os valores de solidariedade “nas relações e organizações até agora animadas pelos interesses e ambições, exercendo sobre elas uma influência cada vez mais profunda e modeladora”. Por meio da prática de um

---

<sup>8</sup> Em uma reflexão a partir da Laudato Si, do Papa Francisco, Wohlfart (2021, p. 54), afirma que “o amor social e político caracteriza um viés ético no qual todos os seres humanos estão imbuídos na construção de uma nova humanidade capaz de incluir todos os povos na civilização do amor”. Para o autor, o amor social e político é como “uma espécie de força ética que dinamiza por dentro as macroestruturas sociais, econômicas e políticas, integrando-as como uma superestrutura da sociedade”. Dito de outro modo, pelo autor, “o amor constitui a infraestrutura espiritual que se desdobra na superestrutura das esferas social, política e econômica” (WOHLFART, 2021, p. 54).

humanismo integral e solidário, os leigos haverão “de fazer com que o dinamismo do lucro, da concorrência, da competição, da busca de prosperidade e do poder de mercado se desenvolva dentro dos limites do respeito e da promoção dos direitos para todos” (JOSAPHAT, 2006).

Na introdução e na conclusão do Compêndio da Doutrina Social da Igreja, estão presentes duas propostas inovadoras que revolucionam as relações interpessoais, sociais e políticas da sociedade: um “humanismo integral e solidário” e uma “civilização de amor a construir”: Dois títulos profundamente interconectados, pra dizer a mesma coisa, isto é, a construção de uma sociedade mais justa, solidária e fraterna, em que reine o amor, a justiça, e a paz, à luz do ideal de vida de Jesus, que se traduz no amor alteridade e no amor altruísta, que são a expressão máxima de seu mandamento do amor, e de sua proposta do Reino de Deus.

Em seu intento de construir uma civilização do amor, o magistério da Igreja se reporta a Jacques Maritain, a quem se deve o mérito da tentativa de libertar “a velha cristandade de falsas sacralizações, ao apontar para o novo paradigma de uma civilização consistente e autônoma em seus elementos humanos, temporais, históricos, pessoais e sociais, mas aberta à transcendência”. Maritain propunha nos anos 30 do século passado, a criação de “um novo humanismo integral, cristão em sua origem e de inspiração cristã, mas plenamente secular e profano pela sua presença animadora e transformadora das realidades terrestres” (JOSAPHAT, 2006). Esse humanismo integral e solidário, na perspectiva do Compêndio da Doutrina Social da Igreja, lança as bases para a construção de uma civilização do amor, conforme reivindicaram os papas Paulo VI, João Paulo II, Bento XVI, e vem sendo reivindicada pelo papa Francisco, que não só a defende em tudo que pronuncia, direta e indiretamente, mas ele próprio, com sua simpatia, seu sorriso aberto e sempre disposto ao diálogo com o diferente, tem se tornado uma figura emblemática, para a construção dessa civilização, tão necessária em nosso tempo.

## 5 CONCLUSÃO

Uma proposta como esta, da construção de uma civilização do amor, exige uma nova postura da Igreja, na sua forma de relacionar-se com o mundo. Vale

lembrar que por Igreja, temos um todo constituído por duas dimensões: a primeira, objetiva, que é a própria instituição; e a segunda, subjetiva, que são os fiéis. É exatamente nessa última dimensão que geralmente esbarram as propostas inovadoras do magistério da Igreja, que exige mudanças radicais, até mesmo conversão e santidade de vida, como sugeriram os padres conciliares. Isto por um motivo muito simples: grande parte dos fiéis, revestidos que são de autonomia, se dão no direito de “ser católico do meu jeito”. Contestando até mesmo o papa, aceitam aquilo que lhes é conveniente e negam o que acreditam vir contra uma tradição caduca, que não encontra mais sentido, em uma sociedade que refuta, por falta de plausibilidade, um discurso religioso conservador e exclusivista. Também da parte do clero, encontramos pessoas conservadoras que procuram garantir a todo custo a “identidade”, não só dos cristãos, mas da “civilização cristã ocidental”, não admitindo qualquer comportamento divergente das normas da cristandade tradicional.

Para se construir uma civilização do amor, é preciso desconstruir esse tipo de resistência. Assim como Jesus, no confronto direto com os fariseus, demonstra que a religião por eles praticada é invenção humana, não correspondendo à vontade de Deus, naquilo que produziu de sombras por todo o mundo, e ainda persiste hoje, apesar do novo direcionamento do magistério da Igreja pós-Vaticano II, a cristandade forjada por mãos humanas não corresponde à vontade de Deus. Para fazer valer um cristianismo originário, cuja Lei de Deus seja expressão fidedigna de seu amor aos homens, “é preciso mexer com as tradições esclerosadas e com as estruturas sociais que sustentaram a cristandade tradicional” (TABORDA, KONINGS, 2022), de nosso tempo. Se na cristandade, a Igreja arrogava para si o papel de ser reguladora, normatizadora, e controladora da ordem social, responsabilizando-se pela tarefa de tutelar a civilização cristã, por força do próprio mandado de Jesus, de ir a todos os povos e nações, para pregar o Evangelho, deve ser missão sua, hoje, contribuir para a concretização de uma civilização do amor, de forma cristocêntrica e inclusivista.

Mas, para isso, é preciso ter a ousadia de mudar o que está errado, aquilo que se traduz nas portas do inferno, que teimam em prevalecer contra a Igreja. Com grande sabedoria diz Leonel Franca (1999, p. 247), sobre a necessidade de “distinguir as exigências perpétuas do Cristianismo das estruturações mutáveis e temporais dos cristãos”. No que vai em direção contrária aos saudosistas de nosso tempo,

conservadores e fundamentalistas, impõe-se como condição irrenunciável, “salvamos o que a todo custo deve ser salvo e de o não comprometermos, apegando-nos, rotineiramente, à caducidade humana do que há de passar com o aferro caquético de quem defende a intangibilidade das coisas eternas” (FRANCA, 1999, p. 247).

Conforme Ávila (1993, p. 24), a civilização do amor não é um apelo sentimental ou romântico, mas “um alerta sobre a urgência da transformação da base mesma onde se fundam as relações da sociedade tecnológica de massas em que vivemos”. Na opinião do autor, “será impossível preservar as imensas conquistas da civilização a que chegamos, se as relações nela vigentes se inspirarem na concorrência, na competição, na ânsia de lucros sempre crescentes, nos interesses egoísticos e corporativos e nas rivalidades hegemônicas”. Em sentido globalizante, deve-se resgatar a originalidade radical do anúncio evangélico, conforme o qual devemos amar a Deus, amando o próximo por amor a Deus. É nesse sentido que se torna possível construir uma civilização do amor, em que temos o amor não como resultado de uma experiência sentimental, “mas como uma exigência concreta de querer bem, de querer o bem de todos, inclusive daqueles que nos fazem mal (ÁVILA, 1993, p. 24).

Ao referir-se à construção de uma civilização do amor, o papa Paulo VI a ela não se referiu como “um chavão pio ou um projeto utópico-idealista” (HALICK, 2018), mas como uma possibilidade concreta, a ser alcançada, com a contribuição de todos. Conforme ressalta o papa João Paulo II, “o amor não é uma utopia: é dado ao homem como tarefa a cumprir com a ajuda da graça divina”. Com efeito, a civilização do amor é possível. Contudo, “só é possível graças a uma constante e viva referência a ‘Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo’” (JOÃO PAULO II, 1994), fonte absoluta de amor. A ela deve concorrer todos os esforços, seja no campo social, cultural, econômico e político. Como antecipação do Reino de Deus neste mundo, enquanto realização plena da caridade cristã, a “civilização do amor” se constitui tarefa histórica de todo o povo de Deus (CARVALHO, 2019).

## REFERÊNCIAS

Ávila, Fernando Bastos de. **Pequena enciclopédia de Doutrina Social da Igreja.**

São Paulo: Loyola, 1993.

Bento XVI, Papa. **Carta Encíclica Caritas in Veritate**. Sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2009. Disponível no site: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20090629\\_caritas-in-veritate.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html). Acesso em: 23/05/2022.

Bingemer, Maria Clara. **Teologia latino-americana: raízes e ramos**. Rio de Janeiro: Editora PUC-RIO; Petrópolis: VOZES, 2017.

Cabral, Jimmy Sudário. **Bíblia e teologia política: escrituras, tradição e emancipação**. Ebook. Rio de Janeiro: Mauad X: Instituto Mysterium, 2009.

Carvalho, Humberto Robson de. **Missa: Celebração do Mistério Pascal de Jesus**. Ebook. São Paulo: Paulus, 2019.

Franca, Leonel. **A crise do mundo moderno**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

Francisco, Papa. **As Bem-Aventuranças e a Cura do Mundo**. Ebook. São Paulo: Paulus, 2021.

Geffré, Claude. **De Babel a Pentecostes: ensaios de teologia inter-religiosa**. Tradução de Margarida Maria Cichelli Oliva. São Paulo: Paulus, 2013.

Grings, Dadeus. **Dialética da política. História Dialética do Cristianismo**. Porto Alegre: DIPUCRS, 1994.

Halik, Tomás. **Quero que sejas: Podemos acreditar no Deus do amor?** Ebook. Petrópolis: Vozes, 2018.

João Paulo II, papa. **Carta do papa João Paulo II às famílias. Gratissimam Sane – 1994 – Ano da Família**. 1994. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1994/documents/hf\\_jp-ii\\_let\\_02021994\\_families.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1994/documents/hf_jp-ii_let_02021994_families.html). Acesso em: 21/05/2022.

João Paulo II. **Carta Apostólica Tertio Millennio Adveniente**. Ao episcopado, ao clero e aos fiéis sobre a preparação para o jubileu do ano 2000. São Paulo: Loyola, 1994b.

João Paulo II. **Carta Encíclica Centesimus Annus**. 1991. Disponível no site: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_01051991\\_centesimus-annus.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_01051991_centesimus-annus.html). Acesso em: 14/06/2022.

João Paulo II. **Constituição Pastoral Gaudium et Spes**. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1997.

Josaphat, Frei Carlos. **Compêndio da Doutrina Social da Igreja: Humanismo Integral e Solidário para a Construção de uma Civilização do Amor**. PUC-SP. Revista Pensamento & Realidade. 16 Ano IX – Nº 18/2006. Disponível no site: <file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Documents/1%20-%20ARTIGOS%20EM%20CONSTRU%C3%87%C3%83O/8366-Texto%20do%20artigo-20456-1-10-20120130.pdf>. Acesso em: 22/05/2022.

Miranda, Mario de França. **Existência cristã hoje**. São Paulo: Loyola, 2005.

Papa Francisco. Exortação Apostólica *Gaudete et exultate*. Sobre a chamada à santidade no mundo atual.

Papa João Paulo II. **Discurso do Santo Padre João Paulo II a uma delegação da “Renovação no Espírito Santo”**. 14 de março de 2002. Disponível no site: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2002/march/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_20020314\\_rinnovamento-spirito-santo.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2002/march/documents/hf_jp-ii_spe_20020314_rinnovamento-spirito-santo.html). Acesso em: 23/05/2022.

Papa Leão XIII. **Carta Encíclica Immortale Dei**. Sobre a constituição cristã dos estados. Roma: 01/11/1885. Disponível no site: [https://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf\\_l-xiii\\_enc\\_01111885\\_immortale-dei.html](https://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_01111885_immortale-dei.html). Acesso em: 23/05/2022.

Papa Paulo VI. **Regina Coeli**. 17 de maio de 1970. Disponível no site: [https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/angelus/1970/documents/hf\\_p-vi\\_reg\\_19700517.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/angelus/1970/documents/hf_p-vi_reg_19700517.html). Acesso em: 23/05/2022.

Pubela. **Conclusões. Texto oficial. III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano**. A Evangelização no presente e no futuro da América Latina. 8ª ed. São Paulo: Loyola, 1995.

Taborda, Francisco; KONINGS, Johan. **Celebrar o dia do Senhor: Vol. III: Subsídios Bíblicos Ano B**. Ebook. São Paulo: Paulus, 2022.

Wohlfart, João A. **Ecologia Integral na Laudato Si**. Fundamentos e estrutura filosófica. Passo Fundo: Conhecer, 2021.

**Manuscrito recebido em:** 01 de Dez. de 2023

**Aprovado:** 26 de Dez de 2023

**Publicado:** 28 de Dez de 2023